

RIF

Apresentação



# RIF Apresentação

## Folkcomunicação e Ativismo: Práticas de resistência dos grupos marginalizados em tempos de convergência midiática

Karina Janz Woitowicz<sup>1</sup>  
Wesley Dalcol Leite<sup>2</sup>

### Algumas Considerações

Desde as primeiras manifestações de resistência registradas e analisadas por Luiz Beltrão, especialmente no livro *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados* (1980), considera-se o potencial de contestação e de mobilização presentes na cultura popular. Contudo, ainda que se possa reconhecer permanências ou continuidades nas ações desenvolvidas pelos grupos marginalizados, novas práticas de comunicação estão reconfigurando as formas de fazer política dos movimentos sociais, diante do uso estratégico das mídias digitais e das redes sociais.

É a partir do desafio de problematizar novos cenários folkcomunicacionais que o dossiê “Folkcomunicação e Ativismo”, da *Revista Internacional de Folkcomunicação*, reúne reflexões de pesquisadores que se dedicam ao estudo das interfaces entre a comunicação dos marginalizados e os (novos) movimentos sociais.

Com o propósito de oferecer uma abordagem para situar o campo temático desta edição, apresentamos a seguir algumas reflexões que dialogam com os artigos que compõem o dossiê, traçando assim um universo comum de debate em torno da atualização da folkcomunicação com vistas a novos objetos. Neste sentido, o ativismo é apresentado como prática que se aproxima cada vez mais dos processos midiáticos, de modo a caracterizar o uso de ferramentas de comunicação (com destaque para a internet) como forma de ação política.

---

1 Professora Dra. do Curso de Jornalismo e do Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), membro da diretoria da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação, coordenadora do grupo de pesquisa Jornalismo Cultural e Folkcomunicação (UEPG).

2 Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pesquisador do Grupo de Pesquisa em Comunicação e Mobilização Política.



## **Movimentos sociais e ação midiática**

Por que surgem movimentos sociais? As motivações são várias, mas pode-se dizer que os movimentos surgem diante da necessidade de mudanças políticas, sociais e/ou culturais. Historicamente, os movimentos, em seu processo de constituição, desenvolvem práticas comunicacionais não-hegemônicas, que integram suas formas de ação política. Nas palavras de Castells (2013, p. 159),

Movimentos sociais não nascem apenas da pobreza ou do desespero político. Exigem uma mobilização emocional desencadeada pela indignação que a injustiça gritante provoca, assim como pela esperança de uma possível mudança [...].

A formação de uma mobilização não é uma ação instantânea, é constituída em um processo histórico, no qual os participantes ativam redes sociais construídas anteriormente, embora também busquem ampliar o número de aliados.

Ao comunicar para a sociedade sua oposição à gestão pública ou às elites, os ativistas – grupo de menor poder (conhecidos como grupos populares na perspectiva folkcomunicacional) – são os protagonistas do confronto, e precisam dar visibilidade às suas demandas através de táticas de ativismo formadas em suas comunidades originárias.

As estratégias de ação são elaboradas a partir da comunicação dos atores, em um processo de formação de identidade. O sujeito ao participar de um movimento social compartilha aspirações em uma relação que não é apenas racional, mas que envolve fatores emotivos. Agir coletivamente é, então, um processo altamente negociável. Envolve os interesses e também construções simbólicas.

A identidade coletiva que permite a eles [os ativistas] se tornarem atores não são dados ou uma essência; isso é o resultado de trocas, negociação, decisão e conflito entre atores. Processos de mobilização, formas organizacionais, modelos de liderança, ideologias e formas de comunicação – esses são todos níveis significantes/de significação de análise para a reconstrução do sistema de ação que constitui o ator coletivo. Mas, além disso, relações com o exterior – com competidores, aliados, e adversários – e especialmente a resposta do sistema político e dos aparatos de controle social definem um campo de oportunidades e repressões com as quais as

ações coletivas tomam forma se perpetuam ou mudam (MELUCCI, 1996, p 4, tradução nossa<sup>3</sup>).

Pelo princípio de ação coletiva desenvolvido por Luiz Beltrão (1980), “as manifestações são sobretudo resultado de uma atividade artesanal do agente-comunicador, enquanto seu processo de difusão se desenvolve horizontalmente”. Trata-se, na visão do autor, de uma comunicação direta, que expressa os hábitos, valores e reivindicações dos setores marginalizados.

A relação entre movimentos sociais, esfera pública e cultura popular foi desenvolvida também, cerca de trinta anos depois de inaugurada a teoria da folkcomunicação, por John Downing (2003). Em sua abordagem sobre a mídia radical alternativa, o autor reconhece o caráter contra-hegemônico das manifestações dos grupos sociais, alargando o conceito de comunicação para contemplar as expressões culturais de resistência protagonizadas pelos movimentos.

Com base nesta leitura do processo comunicacional, que pressupõe um papel ativo dos sujeitos nas dinâmicas de produção, circulação e consumo de mensagens, torna-se pertinente aproximar a perspectiva teórica da folkcomunicação, enquanto um processo artesanal e horizontal, das dinâmicas que envolvem o ativismo midiático.

Ao analisar o processo de organização dos movimentos sociais, Castells (2013) apresenta algumas características que configuram a ação dos grupos sociais. Entre elas, pode-se destacar a conexão em redes (*on-line* e *off-line*); o caráter viral na difusão das mensagens; e a horizontalidade das ações. É neste contexto que ganham força as manifestações pela web, devido à sua capacidade de alcance, difusão e mobilização.

De acordo com Castells (2013, p. 167), “o papel da internet ultrapassa a instrumentalidade: ela cria as condições para uma forma de prática comum que permite a um movimento sem liderança sobreviver, deliberar, coordenar e expandir-se”. A atuação dos movimentos sociais na web faz emergir um tipo de ativismo que reconfigura temporalidades,

---

3 “Collective identity allowing them to become actors is not a datum or an essence; it is the outcome of exchanges, negotiations, decisions, and conflicts among actors. Processes of mobilization, organizational forms, models of leadership, ideologies, and forms of communication - these are all meaningful levels of analysis for the reconstruction from the within of the action system that constitutes the collective actor. But, in addition, relationships with the outside - with competitors, allies, and adversaries - and especially the response of the political system and the apparatuses of social control define a field of opportunities and constraints within which the collective action takes shape, perpetuates itself, or changes” (MELUCCI, 1996, p 4).

territorialidades e sociabilidades (MORAES, 2007), promovendo estratégias de inserção na esfera pública.

Este fenômeno tem ocupado espaço crescente nas pesquisas em Ciências Sociais e Humanas, devido ao papel desempenhado pela mídia nos processos de organização, mobilização e visibilidade dos movimentos. Bart Cammaerts (2013), ao discutir as lógicas de protesto e a estrutura de oportunidade dos movimentos sociais, observa o cruzamento do conceito de lógicas de ação, das teorias dos movimentos sociais, com o de mediação, das teorias da comunicação, para configurar a resistência mediada (material e simbolicamente) no contexto da ação coletiva. Com base em teóricos que se dedicam ao tema, o autor atesta que o uso da mídia é capaz de mobilizar suporte político e canalizar estruturas de oportunidades para os movimentos sociais (CAMMAERTS, 2013, p. 15).

Observa-se que, no interior dos movimentos sociais, convivem práticas consideradas “tradicionais” de ativismo, baseadas nas manifestações no espaço público, e novas formas de militância, que acionam o uso das tecnologias como forma de fortalecer um discurso contra-hegemônico e criar uma esfera pública alternativa para projetar suas demandas. Neste sentido, são conjugadas práticas de comunicação nas ruas e nas mídias digitais, ampliando o alcance e o potencial de articulação em redes de movimentos.

Assim, a configuração de muitas manifestações de movimentos sociais contemporâneas tem sido chamada de redes de ação coletiva (SCHERER-WARREN, 2006). Os ativistas, ao se engajarem em uma mobilização, carregam consigo um conjunto de conexões pré-estabelecidas com outros grupos. Cada novo membro é então um nó que liga o quadro da ação coletiva com suas redes formadas anteriormente.

Além de recrutar espectadores (indivíduos que não participam de movimentos sociais ou outras formas de mobilização), a rede também conecta grupos já organizados e que possuem uma estrutura própria, a qual pode ser utilizada em prol dessa forma de cooperação. Enquanto o agrupamento de indivíduos em torno de uma causa através de rede sempre existiu na humanidade, a rede de movimentos é um fenômeno mais recente, que coincide com o advento da imprensa e o processo de globalização, que ampliaram a dimensão espacial das mobilizações e exigiram maior estrutura de mobilização (TARROW, 2009).

Por vezes, a rede de movimentos pode criar novos formatos de articulação que possibilitam aumentar a eficácia, a resistência e a longevidade da organização e de comunicação. Podem ser criados fóruns da sociedade civil, associações de entidades cívicas e até mesmo uma rede de ativismo transnacional (SCHERER-WARREN, 2006).

As redes desempenhariam um papel estratégico, enquanto elemento organizativo, articulador, informativo e de “atribuição de poder” (*empowerment*/empoderamento) de coletivos e de movimentos sociais no seio da sociedade civil e na sua relação com outros poderes instituídos. As redes, enquanto estratégia de comunicação de “atribuir poder” são as formas mais expressivas das articulações políticas contemporâneas dos movimentos sociais (2006, p. 222).

O conceito de rede tem sido central para pensar a atuação política contemporânea. Diani e McAdam (2003) definem uma rede de social como um conjunto de nós, ligados por algum tipo de relacionamento, e delimitado por alguns critérios específicos definidos pelos indivíduos e organizações que a compõem. Então, ela funciona como uma extensão da ação coletiva, aumenta sua dimensão e poder de pressão social. Além disso, a rede de ativismo se difere de um movimento social, pois essa categoria analítica exige densas redes de solidariedade, enquanto em uma rede, os nós são mais fáceis de ser rompidos (TARROW, 2009).

É importante destacar que, diante destes novos cenários comunicacionais, o conceito de líder de opinião sustentado por Luiz Beltrão é revisitado, com o propósito de contemplar o ativista midiático no contexto da folkcomunicação. Este percurso é traçado por Osvaldo Trigueiro (2006), que articula a comunicação nas redes midiáticas e nas redes cotidianas para analisar o papel estratégico dos líderes folk (ativistas). De acordo com Trigueiro (2006, p. 10),

Nesse novo espaço se reconhece a importância dos ativistas midiáticos dos sistemas folkcomunicacionais que atuam nos movimentos participativos da cidadania, como agentes comunicadores vinculados aos movimentos culturais que utilizam estratégias, que legitimam a sua participação como cidadãos conscientes do seu papel na organização da sociedade civil.

Ao promover reflexões e deslocamentos em torno do ativismo midiático, o presente dossiê atualiza os objetos da folkcomunicação e revela a riqueza das práticas de comunicação dos grupos marginalizados. Assim, em abordagens teóricas e/ou empíricas, lança luz sob as contribuições da folkcomunicação no estudo das demandas emergentes da sociedade civil.

## **Dossiê Folkcomunicação e Ativismo: Olhares e Objetos**

Os artigos que compõem o dossiê temático da *Revista Internacional de Folkcomunicação* contemplam diálogos entre a teoria da folkcomunicação e os conceitos que sustentam a reflexão sobre os novos movimentos sociais, em uma articulação produtiva que busca focar os processos comunicacionais em curso nas dinâmicas dos grupos sociais. Partindo de objetos concretos (tais como mobilizações protagonizadas por movimentos sociais e práticas de cultura de resistência), são realizadas análises do propósito da ação política evidenciada pelo uso de ferramentas de comunicação.

O texto, em forma de ensaio, da pesquisadora portuguesa Teresa Costa Alves, da Universidade do Minho, aborda o uso das tecnologias da comunicação por movimentos populares de caráter apartidário, tendo como parâmetro os protestos ocorridos em diferentes contextos (Portugal, Estados Unidos e Brasil). Com o título “A divisão digital existe mesmo? Norte e Sul na era da Sociedade em Rede: O uso das tecnologias de comunicação por parte dos movimentos sociais”, o artigo percorre as práticas de ativismo presentes nas mobilizações no ambiente digital, oferecendo reflexões sobre o tema com base em entrevistas com militantes.

A caracterização do Cônego baiano Hildon Bandeira (1913-1984) como um líder folk-ativista é trabalhada no artigo “Comunicação e desenvolvimento local: folk-ativismo nos movimentos sociais”, de autoria de Severino Alves de Lucena Filho, da Universidade Federal da Paraíba, e Juliana Freire Bezerra e Maria do Carmo Amorim, da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Ao recuperar o processo de mobilização comunitária que marcou a comunidade do bairro da Torre, em João Pessoa/PB, entre os anos de 1970 a 1984, os autores destacam o protagonismo do religioso no incentivo à participação popular dos moradores e no desenvolvimento local, a partir de uma leitura folkcomunicacional dos fatos históricos. Oferecem, portanto, uma contribuição para refletir sobre o ativismo midiático em um contexto de luta popular.

Com base no conceito de grupos marginalizados de Luiz Beltrão, o artigo “Aproximações entre a cultura *underground* e os grupos culturalmente marginalizados da folkcomunicação”, de Andréa Karinne Albuquerque Maia, da Universidade Federal da Paraíba, analisa as características de resistência da cultura *underground*. Por meio de pesquisa bibliográfica, o texto percorre aspectos históricos e as estratégias de contestação presentes na ação destes grupos culturais.

A cultura urbana marginal difundida na web é tema do artigo “Midiatização, intervenções urbanas e cultura marginal: o ativismo terrorista poético na era da convergência”, de autoria de Andressa Kikuti Dancosky, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, e Denis Renó, professor da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. As manifestações em forma de terrorismo poético, no contexto da cultura digital, são abordadas pelos autores como expressões folkcomunicacionais que reconfiguram os cenários midiáticos.

Também sobre o tema da comunicação no espaço urbano, o artigo “De pichação à manifestação artística: Um estudo dos graffitis de ACME 23 no âmbito da folkcomunicação”, de Soraya Venegas Ferreira e Deborah Galeano Arco, da Universidade Estácio de Sá, aborda o graffiti como cultura alternativa de resistência. Sob a luz da folkcomunicação, as autoras analisam a obra de Acme 23, morador da comunidade do Pavão-Pavãozinho, no Rio de Janeiro, destacando o deslocamento do graffiti das ruas para as galerias, em um processo de reconhecimento da cultura dos grupos marginalizados.

O artigo “Videoativismo e os novos movimentos sociais no contexto da Folkcomunicação”, por sua vez, discute o uso de ferramentas audiovisuais para registro da ação e das bandeiras dos movimentos sociais. De autoria de Júnior Pinheiro, da Universidade Federal da Paraíba, o texto recupera, por meio de fontes bibliográficas e documentais, as práticas de vídeo popular como formas de mobilização que dialogam com as manifestações folkcomunicacionais, pelo seu vínculo com a cultura popular e seu conteúdo de resistência.

O ativismo folkmidiático na Marcha das Vadias é revelado por Karina Janz Woitowicz, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, por meio da análise de imagens e mensagens de caráter contra-hegemônico que fizeram parte das manifestações *on-line* e *off-line* do movimento feminista. Com o título “Ativismo (folk)midiático e estratégias de luta na Marcha das Vadias: recortes da ação política nas ruas e nas redes”, o texto caracteriza o movimento a partir do conceito de comunicação dos marginalizados e mostra as estratégias utilizadas pelas manifestantes para reivindicar o direito ao corpo.

Os movimentos sociais que eclodiram em junho de 2013 no Brasil recebem diferentes olhares analíticos no Dossiê. A Mídia Ninja, que teve papel representativo durante as manifestações do período ao pautar os protestos e repercutir as demandas dos grupos marginalizados, é tratada no artigo “Considerações sobre a Folkcomunicação no campo da mídia alternativa: *Mídia Ninja* e a plataforma digital”, de Thaís Helena Ferreira



Neto Oliveira e Sérgio Luiz Gadini, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, como uma prática de ativismo em plataforma digital. Os autores utilizam o referencial da folkcomunicação para analisar os discursos contra-hegemônicos difundidos nas redes sociais.

Ao analisar os cartazes de protesto como meios folkcomunicacionais, Agnes de Sousa Arruda e Hércules Silva Moreira, da Universidade de Mogi das Cruzes, também enfocam as práticas de comunicação presentes nas manifestações que ocorreram no Brasil em junho de 2013. Sob o título “Das ruas para a web e vice-versa: os cartazes de protesto como folkcomunicação no mundo concreto e no mundo virtual”, o texto aborda as práticas de mobilização que perpassam a ação nas redes, refletindo sobre as possibilidades de ativismo em jogo no contexto da cultura da convergência.

As autoras Maria Ivete Trevisan Fossá, Rafaela Caetano Pinto e Taisa Dalla Valle, da Universidade Federal de Santa Maria, por sua vez, analisam o uso da internet nas práticas de ativismo dos movimentos sociais durante as mobilizações de junho de 2013, tendo como objeto a fanpage Anonymous Brasil. O artigo, intitulado “Mobilização social e ativismo: a atuação da legião Anonymous Brasil em sua fanpage”, apresenta uma análise quantitativa das postagens nas redes on-line e, por meio de um monitoramento da mídia sobre o tema, relacionando a contribuição da mídia ativista na visibilidade das manifestações que marcaram o período.

Com estas referências, trabalhadas em diferentes perspectivas por autores que se dedicam ao tema, entende-se que discutir o ativismo (folk)midiático - como reflexão teórica e prática comunicacional - pressupõe o reconhecimento das contribuições da folkcomunicação na observação dos meios próprios produzidos pelos grupos marginalizados para expressar suas lutas e sua ideologia, em linguagem popular.

Ao longo dos dez artigos que compreendem a presente edição, são traçados percursos que valorizam o protagonismo dos movimentos sociais, em suas múltiplas formas de expressão. Neste cenário, os estudos da folkcomunicação se revelam um campo privilegiado para a análise dos fenômenos sociais e das práticas de comunicação que se constroem em meio a lutas políticas e culturais do tempo presente.

## Referências

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

CAMMAERTS, Bart. Lógicas de protesto e a estrutura de oportunidade de mediação. Revista Matrizes. São Paulo: USP, ano 7, n. 2, jul./dez. 2013. p. 13-36.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DIANI, Mario; McADAM, Doug. Social **Movements and Networks**: Relational Approaches to Collective Action: Relational Approaches to Collective Action. Oxford University Press, 2003.

DOWNING, John. **Mídia radical**. São Paulo: Senac, 2003.

MELUCCI, Alberto. **Challenging Codes**: Collective Action in the Information Age. Cambridge University Press: Cambridge 1996.

MORAES, Denis de. Comunicação alternativa, redes virtuais e ativismo: avanços e dilemas. Revista Eletrônica Internacional de Economía Política de las Tecnologías de la Información y la Comunicación (Eptic). Vol. IX, n. 2, mayo-ago/2007. Disponível em: <http://www.seer.ufs.br/index.php/eptic/article/view/226/224>.

SCHERER-WARREN, Ilse. Das Mobilizações às Redes de Movimentos Sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n.1, p. 109-130, jan./abr. 2006.

TARROW, Sidney. **O poder em movimento**. Movimentos sociais e confronto político. Petrópolis: Vozes, 2009.

TRIGUEIRO, Osvaldo. O ativista midiático da rede folkcomunicacional. Revista Internacional de Folkcomunicação, vol. 4, n. 7, 2006. Disponível em: [http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=viewFile&path\[\]=536&path\[\]=370](http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=folkcom&page=article&op=viewFile&path[]=536&path[]=370).